

IMIGRANTES BOLIVIANOS EM SÃO PAULO E A (DES)CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE (BI)NACIONAL

Análise sob a ótica do sistema de avaliatividade

Bolivian immigrants in são paulo and the (de)construction of their binational identity: An analysis based upon the appraisal system

Rubens Lacerda de SÁ¹

RESUMO: Almejo, neste texto, estreitar o diálogo entre os construtos (des)construção identitária, os paradigmas de inclusão/exclusão e (in)visibilizados socialmente e os estudos que balizam o Sistema de Avaliatividade como parte do quadro teórico da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994). Qual teoria social da língua(gem), esta permite a identificação e descrição de eventos sociais além de prover ferramentas de análise que possibilitam um exame mais acurado de suas implicações nos atores envolvidos no processo (MARTIN; WHITE, 2005). Convirjo com Halliday e Mathiessen (2014) ao apresentar a metafunção interpessoal como ferramenta para entender as relações sociais, as atitudes, os comportamentos e o movimento das identidades dos indivíduos que compõem o tecido social moderno. Outras pesquisas ressaltam que o movimento identitário de imigrantes envolvidos em uma diáspora internacional não deve ser pautado por paradigmas de exclusão (SÁ, 2014; 2015). Nesta pesquisa qualitativa (FLICK, 1998), procuro analisar um videoclipe no qual a cantora narra a situação de imigrantes em diferentes países do mundo e como isso os afeta em nível individual e familiar, usando, para tanto, como referência as impressões de alguns bolivianos que assistiram ao videoclipe. A partir dos pressupostos da metafunção interpessoal e com ênfase especial no sistema de avaliatividade, procuro realçar o que é apresentado no videoclipe e também nos comentários ao vídeo feito pelos bolivianos. Por fim, busco identificar como os imigrantes são invisibilizados e como sua identidade é etiquetada na sociedade que os recebe e que se arroga como pluricultural e inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Imigrantes Bolivianos; Sistema de Avaliatividade.

ABSTRACT: My main scope in this paper is to foster a dialogue between the themes of the identity-building, inclusion/exclusion paradigms and social invisibility with the studies based on the System of Appraisal as part of the theoretical framework of Systemic-Functional Linguistics (HALLIDAY, 1994). As a Social Theory of Languages, it allows the identification and description of social events as well as provides an array of analysis tools that permits a more accurate examination of its implications for the actors involved in the process (MARTIN, WHITE, 2005). I agree with Halliday and Mathiessen (2014) when they present the interpersonal metafunction as a tool to understand social relations, attitudes, behaviors and the movement of the identities of individuals that make up the modern social scenario. Other researches highlight that the identity movement of immigrants

¹ Doutorando em Linguística Aplicada (UNICAMP), Mestre em Linguística (UnB), Especialista no Ensino de Línguas para Fins Específicos (UFMT) e Bacharel em Letras (UCCB). Docente no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS). Pesquisador Associado do Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (CLAEC). E-mail: rubens.ladesa@gmail.com

involved in an international diaspora should not be guided by paradigms of exclusion (SÁ, 2014; 2015). In this qualitative research (FLICK, 1998), I try to analyze a video clip in which the singer narrates the situation of immigrants in different countries of the world and how it affects them both in an individual and familiar level using the impressions of some Bolivians who watched the music video as a reference. Based on the assumptions of the interpersonal metafunction and with special emphasis on the Appraisal framework, I try to highlight what is presented in the video clip and also in the comments to the video made by Bolivians. Finally, I try to identify how immigrants are invisibilised and how their identity is labeled in the society that receives them and which claims to be pluricultural and inclusive.

KEYWORDS: Identity; Bolivian immigrants; Appraisal System.

1. A INTRODUÇÃO

Por décadas, São Paulo tem sido navegada por imigrantes de diversas nacionalidades. Cada grupo que passa, ou se estabelece na cidade, deixa suas impressões e marcas na sociedade. Evidentemente não se trata de um processo que rapidamente se consolida e se acomoda sem conflitos; talvez sejam necessários anos para que essas impressões e marcas sejam visíveis e até incorporadas na cultura da metrópole, e.g. os imigrantes portugueses, italianos e japoneses, etc.

Ademais, diante do espectral formato econômico delineado nas últimas décadas, a cidade passou a conviver com eventos migratórios internacionais que impactam nas diversas esferas da sociedade local. Assim, neste artigo², investigo epistemologicamente como é (des)construída a identidade (bi)nacional dos imigrantes bolivianos que, com relativa frequência e quantidade, desembarcam na cidade. Segundo dados recentes da Polícia Federal, apenas em 2015, o Brasil recebeu uma média diária de 23,4 bolivianos. Isso totaliza uns 700 imigrantes mensais e pouco mais de 8.400 no ano (VELASCO; MANTOVANI, 2016).

Aproximar-se dos atores envolvidos e analisar as características e implicações desse processo migratório contribuirá para a compreensão de como as identidades (des)construídas e (in)visibilizadas e que processos de

² Este artigo é um recorte oriundo da dissertação de mestrado *Imigração Boliviana em Mares Paulistanos Dantes Navegados: Inclusão dos (In)visíveis e (Des)construção Identitária*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, 2015.

(trans)formação e impacto social são (des)velados. Portanto, almejo apontar sucintamente que imagens representativas de seu país de origem são mantidas e que outras se manifestam e se transmutam à construção da [nova] identidade coletiva e (bi)nacional. Igualmente à pinceladas, aspiro indicar como se esculpe a (in)visibilidade nas percepções desses imigrantes no subsistema atitudes uma vez que é nessa seara que os atores sociais em tela expressam seus afetos, julgamentos e apreciações.

2. O CENÁRIO

De forma bastante sucinta, gostaria de apresentar ao leitor o cenário em que este artigo está circunscrito. Trata-se de um bairro localizado na região centro-sul da cidade São Paulo, chamado Bom Retiro. Por ser um polo de moda e de confecções, atrai muito a atenção dos imigrantes bolivianos que, ao chegar de seu país, não veem outra alternativa de trabalho senão se embrenhar neste setor laboral, que é um dos poucos a que têm acesso.

Desembarcam em sua maioria nesse bairro sob o convite, as instâncias e, na grande maioria das vezes, o patrocínio financeiro de parentes, amigos ou simplesmente de compatriotas que já desfrutam de certa estabilidade no setor de trabalho mencionado anteriormente. Os recém-chegados têm, diante de si, uns bons anos de trabalho até que possam adquirir certa independência financeira, pois precisam saldar suas dívidas com seus patrocinadores, aportar recursos aos familiares deixados em sua localidade de origem, bem como custear gastos com suas estadias. Precisam trabalhar em média cinco anos para conseguir pagar os custos de toda essa operação com o fito de que sua vinda e sacrifícios valham, de fato, a pena.

Sendo assim, diante de tais circunstâncias, não lhes resta outra alternativa senão se submeterem a jornadas laborais exaustivas. Trabalham normalmente em oficinas de costuras na região central de São Paulo. Cumprem em média doze horas diárias de trabalho, podendo chegar a quatorze ou até dezesseis horas em vários períodos do ano. Não há preocupação com o devido descanso,

alimentação apropriada, postura, iluminação, ventilação e salubridade. Como exemplo, posso citar o estudo de Vanessa Martinez (2010) em que a autora denuncia um aumento de 250% nos casos de tuberculose entre os bolivianos em um período de dez anos em contraste com uma redução de 45% dessa doença entre os brasileiros nesse mesmo período. Essa epidemia assola os bolivianos porque esses são condicionados a trabalhar em locais com infraestrutura precária, ambientes pouco higiênicos e fontes de contaminação e transmissão de doenças.

Ademais, vivem em condições precárias. São alojados em ambientes escuros, normalmente em porões ou sótãos, sem ventilação e iluminação natural, sem saneamento adequado no imóvel e com o mínimo de conforto e condições de higiene. Nessas acomodações também não há privacidade, pois são literalmente amontoados em grupos de dez, quinze, vinte ou até mais por imóvel e na maioria dos casos não são parentes entre si. Isso gera muito constrangimento e problemas de convivência, pois precisam compartilhar áreas comuns como a cozinha e o banheiro. Há também a questão da alimentação que é inadequada e que gera, em muitos casos, a deterioração da saúde dos bolivianos inclusive entre os mais jovens.

Acrescido a todos os percalços de ordem interna, há, ainda, as dificuldades de adaptação na comunidade local, composta de brasileiros e coreanos. Os últimos, embora igualmente imigrados, desfrutam de melhores condições de vida, dada sua saúde financeira. Posso exemplificar com a questão do domínio da língua portuguesa. Embora essa seja tipologicamente distante da coreana, isso não representa um problema para os imigrantes coreanos. Primeiro, porque eles são inseridos em uma comunidade que possui um sistema de acomodação próprio no mesmo bairro em que se encontram os bolivianos. Os coreanos têm seu próprio sistema (em adição/paralelo ao Estado) de saúde, educação e segurança bem como entretenimento, alimentação e outros serviços. Logo, o uso da língua portuguesa passa a ser secundário à sua estada no Brasil em um primeiro momento. Ou seja, eles aprendem a língua mas esta não representa uma condição *sine qua non* à sua permanência e/ou quiçá sobrevivência no país.

Já no caso dos imigrantes bolivianos a língua constitui-se um problema. Inicialmente porque precisam saber a língua portuguesa bem o suficiente para ter

acesso a serviços públicos básicos e ao trabalho. Ademais, apresentam certo grau de dificuldade para entender o Português. Isso se dá especialmente por conta das armadilhas em torno das similaridades entre as línguas portuguesa e espanhola e/ou do distanciamento com sua língua materna, pois os bolivianos dos interiores do país falam outras línguas. Na Bolívia fala-se o espanhol, quechua, aimara, guarani e várias línguas indígenas.

Acrescido a isso, sofrem discriminação por virem de um país economicamente mais pobre e, em decorrência disso, são estereotipados como sendo pessoas sujas, incultas, aculturadas e não sociáveis. Todo o cenário, a que faço menção, gera problemas bastante sérios com a construção da identidade deste povo, que agora passa a ser binacional, Brasil-Bolívia, e que, muitas vezes, força-os a rejeitar sua identidade primeira ou de suas origens. São igualmente excluídos da sociedade, ou pelo menos invisibilizados e neutralizados, devido aos muitos estereótipos a eles atribuídos. Essa assertiva, de rejeição e não de comunhão na sociedade local, será demonstrada com a apresentação da argumentação ao longo deste texto.

É neste cenário mais amplo que a pesquisa será consubstanciada visando a compreender mais profundamente todas essas questões com vistas a propor um melhor entendimento que possa, senão resolver, pelo menos contribuir para atenuar ou minimizar o sofrimento desses imigrantes.

3. A TEORIA

3.1. O Sistema de Avaliatividade e o desvelar de identidades (des)construídas

Em linhas gerais, a teoria linguística que fundamenta a pesquisa aqui apresentada é a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) tal qual proposta por Halliday (1985, 1994), Halliday e Matthiessen (2014), e explicada em Eggins (2004). Mais especificamente, apoia-se, no âmbito da LSF, no Sistema de Avaliatividade em conformidade com Martin e White (2005).

A Linguística Sistêmico-Funcional direciona atenção para o uso efetivo da linguagem verbal via texto em relação à atividade social em jogo, levando em conta, para tanto, a ação dos interlocutores envolvidos no processo de interação. Nessa perspectiva, a língua não se constitui de regras como defendem as teorias formalistas, constitui-se de recursos à disposição do enunciador para construir significados realizados léxico-gramaticalmente e expresso fônica ou graficamente.

Assim, ao direcionar seu foco para a funcionalidade da linguagem verbal, o que possibilita a explicação e a interpretação de textos em seus contextos de uso, a teoria sistêmico-funcional coloca à disposição do analista um poderoso instrumental analítico para a descrição da língua (EGGINS, 2004; HALLIDAY, 1994; THOMPSON, 1995), que só é poderoso porque a teoria que o informa aborda a língua a partir de um ponto de vista sociossemiótico, pelo qual ela é compreendida como um entre os diversos sistemas de criação de significados presentes na cultura ou sociedade. Nesse sentido, entende-se que os membros de uma comunidade, como partes de uma cultura/sociedade, trocam significados uns com os outros para agir nas atividades reconhecidas como próprias dessa cultura/sociedade (HALLIDAY; HASAN, 1989). Nesse pressuposto, a língua(gem) se movimenta de forma dinâmica e fluida, na tessitura social dentro de um espectro conotativo e denotativo, centrado nas personagens, nas relações (a)simétricas e nas (inter)ações sociais em múltiplos contextos de situação e de cultura.

Ao chamar a atenção para um dos problemas que podem advir da língua(gem) em uso na sociedade, nesta relação entre indivíduos e a coletividade, o principal mentor da LSF alerta:

(...) o aumento do lixo, a contaminação do ar e água, incluindo os processos mais letais da contaminação física parecem ser mais fáceis de tratar do que a contaminação do meio social causada pelos preconceitos e animosidade de raça, cultura e classe (HALLIDAY, 1982, p. 18).

Concordo com a declaração de Halliday, ainda que bastante impactante, pois assumo a dor dos imigrantes bolivianos em São Paulo vitimados pelo que se denuncia acima. E, antecipando-me, trato aqui não apenas da dor dos bolivianos,

mas de todos os imigrantes que saem de sua terra natal, deixando atrás suas raízes familiares, sociais, culturais e históricas. Vão em busca de um eldorado onde não haja injustiças sociais. Entretanto, acabam sendo obrigados a enfrentar outro(s) tipo(s) de injustiça(s): as ações xenofóbicas da terra acolhedora.

O Sistema de Avaliatividade, foco desta pesquisa, foi desenvolvido dentro do arcabouço teórico da LSF, em específico, no domínio dos significados interpessoais, os quais se den finem como sendo recursos semânticos usados para negociarmos ou interagirmos através de trocas, com os outros, de experiências subjetivamente representadas como informação ou bens-e- serviços e para construirmos, na e pela interação com os outros, nossas identidades a partir de nossos posicionamentos e juízos de valor (avaliação). Os significados produzidos decorrentes das negociações e avaliações na interação realizam ou constroem a variável contextual Relações e constituem a metafunção interpessoal da linguagem verbal. É dentro dos pressupostos do Sistema de Avaliatividade que podemos abordar/analisar a questão da (des)construção identitária dos imigrantes bolivianos.

O Sistema de Avaliatividade abrange três diferentes domínios de significados avaliativos interligados entre si: 'atitude', 'engajamento' e 'gradação'. Esses domínios juntos formam a rede de sistemas de escolhas avaliativas abrangendo até seis níveis de delicadeza. Assim, de acordo Martin e White (2005), a rede de sistemas de avaliatividade se inicia a partir do sistema TIPOS DE AVALIATIVIDADE, com os termos/escolhas 'atitude', 'engajamento' e/ou 'gradação'.

Para os objetivos deste artigo, no que tange às análises, foi lançado mão apenas o primeiro domínio de significado do Sistema de Avaliatividade denominado de 'atitude'. Martin e White (2005) idealizam a 'atitude' como sendo a dimensão do significado interpessoal que envolve três regiões semânticas, as quais estão relacionadas aos sentimentos de afeto, ao julgamento do comportamento humano e à apreciação dos valores estéticos de objetos e entidades, por conseguinte, diz respeito, segundo Martin e Rose (2003), à "avaliação da coisas, do caráter das pessoas e seus sentimentos" (p. 22). Os três sistemas, portanto, estão interligados respectivamente aos conceitos clássicos de emoção, ética e estética.

Conforme Martin (1992), é nessa dimensão do significado interpessoal que os sentimentos são avaliados, visto que “uma perspectiva interpessoal nos posiciona a sentir e através de sentimentos partilhados nos posiciona a pertencer” (p. 326). É, por conseguinte, nessa concepção que a avaliatividade negocia, nos textos, a relação entre os participantes. A ‘atitude’ se manifesta por meio de enunciados que, ao serem interpretados de forma contígua, mostram que na enunciação, alguém, alguma coisa, situação, ação, evento ou estado de coisas posiciona-se de forma positiva ou negativa. Sua concretização dá-se por meio de um vasto e diversificado grupo de categorias gramaticais, entre elas se destacam: adjetivo (atributivo); adjetivo (epíteto); verbo (processo); advérbio (adjunto de comentário).

A ‘atitude’ considerada a partir da conjuntura da rede de sistemas da avaliatividade é um dos termos/escolhas de significado interpessoal avaliativo ligado, ressalta Martin e White (2005), a sentimentos emotivos, éticos e estéticos do falante - e posiciona-se no sistema de primeiro nível de delicadeza TIPOS DE AVALIATIVIDADE. Ao ser escolhido, o termo ‘atitude’ passa a ser condição de entrada a um sistema mais refinado à direita, ou melhor, possibilita o acesso a um sistema de segundo nível de delicadeza, o qual se configura dentro da rede como TIPOS DE ATITUDE e que, por sua vez, desdobra-se nos termos/escolhas ‘afeto’, e/ou ‘julgamento’ e/ou ‘apreciação’. Portanto, o ‘afeto’ é um tipo de atitude que evoca a “área emotiva dos sentimentos; diz respeito a avaliações sobre as emoções das pessoas [...]”. Por sua vez, o ‘julgamento’ é um tipo de atitude que reproduz a área ética dos sentimentos; tem a ver com as avaliações sobre o comportamento das pessoas [...]”. Já a ‘apreciação’ se refere à “área estética dos sentimentos; contempla avaliações sobre o aspecto estético das coisas e dos fenômenos, tanto os semióticos quanto os naturais[...]” (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2013a, p. 77).

4. A METODOLOGIA

Em uma música de 1967, chamada *I am the Walrus*, John Lennon destaca em um dos versos, a relação cíclica de identificação social entre os diferentes indivíduos que fazem parte de uma sociedade. Para ele, no final das contas, todos deveriam ser parte do mesmo todo³. Em um reggae de 1998, chamado *Clandestino*, Mano Chao aborda o tema da (in)visibilidade do imigrante⁴.

Essas questões alinham-se muito bem com as análises deste artigo. Nelas compartilharei algumas impressões obtidas dos participantes da pesquisa após assistirem a um videoclipe⁵, em que a cantora aborda a questão identitária do(s) imigrante(s) resultando em sua invisibilidade. O foco central será uma análise de trechos específicos da letra da música, a partir de um subsistema da Teoria da Avaliatividade e que se relaciona com a questão da (des)construção de identidade(s).

Reconheço, entretanto, como pesquisador que “as inconsistências e contradições são parte do processo contínuo do projeto de pesquisa”; não obstante, procuro garantir a excelência deste texto através da “boa documentação, da transparência e da clareza nos procedimentos na busca e na análise dos dados” (BAUER; GASKELL, 2013, p. 483).

Os participantes da pesquisa, cujos nomes foram mudados para preservar sua identidade, são imigrantes bolivianos residentes no bairro Bom Retiro em São Paulo. A primeira participante é uma boliviana solteira, que chamarei de Dona Carolina, graduada em Letras na Bolívia e professora de Inglês, inclusive no Brasil. Tem 48 anos de idade, já é avó e cria a sua netinha, fruto do relacionamento de sua filha, também boliviana, com um jovem paraguaio. Sua filha tem 25 anos de idade e passou pelo menos metade de sua vida no Brasil. Também é mãe de um jovem, igualmente boliviano, de 21 anos de idade, e que vive no Brasil há pelo menos três terços de sua vida.

Ao segundo participante, chamarei de Juan, também solteiro, 35 anos, sem filhos, boa formação educacional na Bolívia, pois é graduado em Pedagogia e deu início aos seus estudos de pós-graduação *latu sensu*, abandonados por falta de recursos. Desembarcado no Brasil, no bairro Bom Retiro, há cerca de 7 anos.

³ [...] I am he as you are he as you are me; and we are all together [...]

⁴ Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=rSEUH4KRfN8>. Acessado em 05/09/2017.

⁵ Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=23dHxb4F9w0>. Acessado em 10/04/2017.

Fala muito pouco o Português, visto que tem tratos apenas com bolivianos e outros hispanoamericanos. Seus traços físicos, sua postura, seu modo de falar, seu comportamento, hábitos e costumes, sua vestimenta, etc. são bem marcantes e indicam que Juan orgulha-se dessa herança cultural.

O terceiro convidado-participante será chamado de José, um jovem de 22 anos, nascido na Bolívia e que, orgulhosamente, ostenta seu documento como estrangeiro no Brasil, RNE (Registro Nacional de Estrangeiro), mas que foi criado e recebeu educação escolar no Brasil. Procura marcar sua identidade boliviana mantendo os hábitos alimentares, hábitos e costumes e valorizando o que é de sua terra natal, sobretudo a língua que permanece sem marcas do Português, ainda que fale este último muito bem e sem sotaque. Curiosamente, esse jovem rompeu a tradição de costura na família, qualificou-se profissionalmente e trabalha numa multinacional americana no setor de informática e atendimento ao público hispanoamericano, pelo que seu bom manejo tanto do Português como do Espanhol lhe foram bastante úteis.

Mariana será a quarta participante. É filha de bolivianos, mas é nascida no Brasil. Estudante do ensino médio, 16 anos, fala muito bem o espanhol, pois é membro de uma comunidade religiosa que utiliza apenas esse idioma em suas atividades. Embora marcada por essa dupla pertença Brasil-Bolívia, Mariana parece transitar bastante bem entre as duas culturas. e da indícios de ser a mais bem resolvida do grupo⁶.

Por fim, ao quinto e último participante, chamarei de Senhor Pedro. Boliviano, sociólogo, 50 anos de idade, radicado no Brasil há uns 25 anos. No entanto, preserva todos os traços de seu país de origem, tais como os hábitos e costumes, alimentação, postura, modo de falar, etc. Entretanto, é curioso o fato de que o senhor Pedro, ainda que demonstre ser facilmente identificado como boliviano típico pelo descrito acima e tenha pouco domínio do Português, consegue transitar com muito pouca dificuldade na comunidade local, tendo, numa primeira análise, absorvido as marcas identitárias locais.

⁶ Trata-se aqui apenas de uma afirmação baseada em observação empírica, sem caráter ou pretensão de comprovação científica visto que esse não é o escopo deste artigo. Estou apenas descrevendo a participante segundo minhas impressões enquanto pesquisador.

Passo agora a consideração do videoclipe musical mencionado e que servirá de fomentador de comentários sobre a identidade (bi)nacional dos imigrantes bolivianos que participaram da pesquisa. Inicialmente apresentarei a letra da música, originalmente escrita em Espanhol, e uma tradução livre feita por mim mesmo. Em seguida, destacarei alguns trechos da música que usarei para demonstrar, a partir dos pressupostos teóricos eleitos para esta consideração, como a identidade do(s) imigrante(s) é afetada nesse processo de trânsito internacional. Fiz algumas inserções entre parêntesis, na tradução, para facilitar a compreensão das ideias originais.

Esta canção faz parte da discografia de Norma Delia Espinosa Zamora, *Normiqueen*, que nasceu em Bayamo, Cuba, em 4 de janeiro de 1987. Passou sua juventude na terra cálida de Santiago de Cuba e aos quinze anos de idade imigrou para a Finlândia, onde reside atualmente. Estudou Desenho e Comunicação Social, mas sua paixão sempre foi música; como a que segue:

Quadro 1 — Música: El emigrante, Normiqueen.

El emigrante	O imigrante
Aha, es Normiqueen, Yalorde Records, y produce el Xirujano	Aha, aqui é Normiqueen, da Yalorde Records e produzido por Xirujano
Hay buenas máquinas	Produção de primeira
Esto está dedicado a todos los emigrantes especialmente a mis hermanos cubanos	Dedico esta a todos os imigrantes em especial aos meus irmãos cubanos
Esto está difícil, hay que prosperar, avanzar	Está difícil, (mas) é preciso prosperar e progredir
La necesidad y el hambre, tus hijos no deben experimentar	A necessidade e a fome, teus filhos não devem provar
La perseverancia por triunfar, salir adelante, te convirtieron en emigrante	A persistência para poder triunfar, ser bem-sucedido, te transformaram em um imigrante
Tomar esa decisión tan triste, dejar la tierra dónde naciste, creciste, viviste	Tomar essa decisão tão triste, deixar a terra onde você nasceu, cresceu e viveu
Dejar todo atrás, a lo que estás acostumbrado	Deixar para trás tudo (a que) está acostumado
Y tratar de resolver tu vida en otro lado	E tentar melhorar sua vida em outro lugar
Y llega el choque de cultura que sí la gente fula	E aí vem o choque de cultura que te irrita
Que es el frío, que's la nieve, enfín, la temperatura	O frio, a neve, enfim, a temperatura
(La) distancia que nos separa de nuestra gente	(A) distância que nos separa de nossa gente

querida	querida
Amigos, primos, hermanos, toda nuestra familia	Amigos, primos, irmãos, toda nossa família
Aprender un nuevo idioma, volver a empezar de zero	Aprender uma nova língua, começar do zero
¿Y cómo hago ahora, pa' conseguir dinero?	E como faço para ganhar dinheiro?
Tu única esperanza es algún día regresar a esa tierra que tanto amas y tanto has de extrañar	Sua única esperança é voltar algum dia para a terra que você tanto ama e sente falta
¿Y qué serás, que no extrañas de tu país?	E do quê, no seu país, você não sente falta?
La gente pobre pasa hambre, sí, pero feliz	Os pobres passam fome, (mas) são felizes
Aquí, tengo de todo, cubro mis necesidades	Aqui tenho tudo (que preciso) para minhas necessidades
Pero no tengo el beso de "buenas noches" de mi abuela, ¿verdad?	Mas, não tenho o beijo de "boa noite" da minha avó, não é?
Como dice ese refrán: que Dios le dio barba a quien no tiene quijada	Como diz um dito popular: Deus não dá asa a cobra
¿Y que será? Que yo le extrañe de mi isla	E do quê não sinto falta de minha ilha?
Que tan solo recordarla me saca una sonriza	Que só em lembrá-la me faz rir
La playa, carnaval, es matar el tiempo con la amistades, la cerveza, el ron, formar un buen rumbón, jugar cartas en el parque, trancar el dominó y ese cerdito asado cuando el viejo año dice adiós.	A praia, o carnaval, passar tempo com os amigos, a cerveja, o rum, os grupos de dança, os jogos de baralho no parque, as partidas de dominó, o leitão assado nas festas de ano novo
Yo nací en una isla que se llama Cuba	Eu nasci em uma ilha que se chama Cuba
Dónde pa' emigrar casi siempre hay que buscar su yuma	Onde quase é preciso achar um estrangeiro cheio da grana para conseguir emigrar
Y no se puede criticar, ¿qué vamos a hacer?	E não se pode criticar nem fazer nada
Si ahí hasta por pensar te pueden desaparecer	(Pois), até por pensar dão um sumiço em você
Muchos se prostituyen, roban para comer	Muitos se prostituem (e) roubam para comer
Pues los mandados en la libreta no alcanzan para el mês	(Visto que) o salário no seu holerite não dá para nada
¿Y qué cosa es la libreta? Ven que te lo hago saber	O que é holerite? (Venha que) te explico
Es un papel que dice cuanto el cubano debe comer al mês	É um papel que diz quanto o cubano pode comer por mês
<i>Sí, así es la vida</i>	<i>Sim, assim é a vida</i>
<i>Del emigrante</i>	<i>Do imigrante</i>
<i>Que dejó todo atrás</i>	<i>Que deixou tudo para trás</i>
<i>Pa' seguir adelante</i>	<i>Para ser bem-sucedido</i>

<i>Dios mediante la cosa algún día cambie</i>	<i>(E que espera) em Deus que as coisas mudem algum dia</i>
<i>Y regrese a sua tierra de dónde nunca debió marcharse</i>	<i>E ele possa voltar a terra de onde nunca deveria ter saído</i>
<i>Sí, así es la vida</i>	<i>Sim, assim é a vida</i>
<i>D' estas personas</i>	<i>Dessas pessoas</i>
<i>Que cuentan años, meses, días, inclusive horas</i>	<i>Que contam os anos, meses, dias e inclusive horas</i>
<i>Para unirse con su gente, que tanto añora</i>	<i>Para se juntar com seu povo (de quem) sente tanta saudade</i>
<i>Pues eso es lo que su corazón ahorita s' implora</i>	<i>(Visto que) isso é o que seu coração sempre implora</i>
<i>Ahora estás del lado (d')acá</i>	<i>Agora (que) está desse lado</i>
<i>Y con una mejor vida, mas a la hora de comer</i>	<i>E com uma vida melhor, mas (que) na hora de comer</i>
<i>Piensas qué come tu familia</i>	<i>Pensa no que está comendo sua família</i>
<i>Una mini llamada te llena por un momento</i>	<i>Uma breve ligação telefônica até satisfaz por uns instantes</i>
<i>Mas la nostalgia te invade a medida que pasa el tiempo</i>	<i>Mas a saudade volta a invadir a medida que o tempo passa</i>
<i>Ahora desde aquí es que vemos y valoramos</i>	<i>Daqui (é que) podemos ver (e) dar valor</i>
<i>Todo aquello que tuvimos, y que nunca notamos</i>	<i>A tudo (que) tínhamos, e não nos dávamos conta</i>
<i>Estamos a veces tan ocupados que olvidamos darle amor a toda la gente que en realidad amamos</i>	<i>Estamos tão ocupados às vezes que esquecemos de demonstrar amor a todos (aqueles) que amamos de verdade</i>
<i>Nos consuela el dinerito que mandamos mensualmente, incoerentes</i>	<i>O dinheirinho que mandamos mensalmente nos consola, mas isto é incoerente!</i>
<i>Esos sentimientos encontrados es saber que desde aquí y sin tanto que decir ayudas más que estando allá obstinado, pero a su lado.</i>	<i>Esses sentimentos confusos (ao saber que) mesmo de longe e sem poder falar muito você ajuda (mais do que estando ao lado deles, mas sem trabalho)</i>
<i>La soledad nos invade, la tristeza nos dá la mano</i>	<i>A solidão nos invade (e) a tristeza anda de mãos dadas</i>
<i>Todo eso que tienes ya no te importas ni un carajo</i>	<i>Tudo o que você tem agora não te serve para nada</i>
<i>¿Qué hago?</i>	<i>Que fazer?</i>
<i>Con casa, comida y carro</i>	<i>(Se) tenho casa, comida e carro</i>
<i>Si a mi familia un ciclón el techo se lo trajo abajo</i>	<i>(Mas), um ciclone derrubou a casa da minha família</i>
<i>Esa preocupación, palpitó del corazón</i>	<i>Essa preocupação bate forte no coração</i>

Cuando a medianoche de momento tu móvil sonó	Quando à meia-noite seu celular toca
La razón de esa llamada tan doliente	(E) a razão dessa chamada tão doída
Para te dar notícia de que se te murió un pariente	É para te avisar de que um parente morreu
La vida no es siempre hermosa	A vida não é sempre tão bonita (quanto parece)
No todo es color de rosa	Nem tudo é um mar de rosas
Recuerda que de una oruga, salió la mariposa	Lembre-se que (a) borboleta nasce de uma lagarta
¡Ahora, goza!	Aproveite (a vida) agora!
De lo poco que tienes	(Aproveite) o pouco que tens
Que algún día estarás con la gente que tú quieres	Pois algum dia você estará com quem te ama
¡Sacrificios!	Sacrificios!
De esto está llena la vida	A vida está cheia deles
¡Sufrimientos!	Sofrimentos!
Pues las cosas tristes no se olvidan	(Visto que) não dá para esquecer as coisas tristes
Ahora caminas	Agora (você) anda
Tu, siempre (apuesto) y elegante	Sempre bem arrumado e elegante
Que' stá la vida que nos tocó a los emigrantes	(Pois), esta é a vida dos imigrantes
Estribillo	Refrão
<i>Sí, así es la vida</i>	<i>Sim, assim é a vida</i>
<i>Del emigrante</i>	<i>Do imigrante</i>
<i>Es triste caballero</i>	<i>É triste, meu senhor</i>
<i>Pero, ¡hay que seguir parante!</i>	<i>Mas, não dá para desistir!</i>
(El emigrante, Joselito)	(O imigrante, Joselito)
Cuando salí de mi tierra	(Quando) saí da minha terra
Volví la cara llorando	Saí com lágrimas nos olhos
Porque lo que más quería	Porque os a quem eu mais amava
Atrás me lo iba dejando	Estava deixando atrás

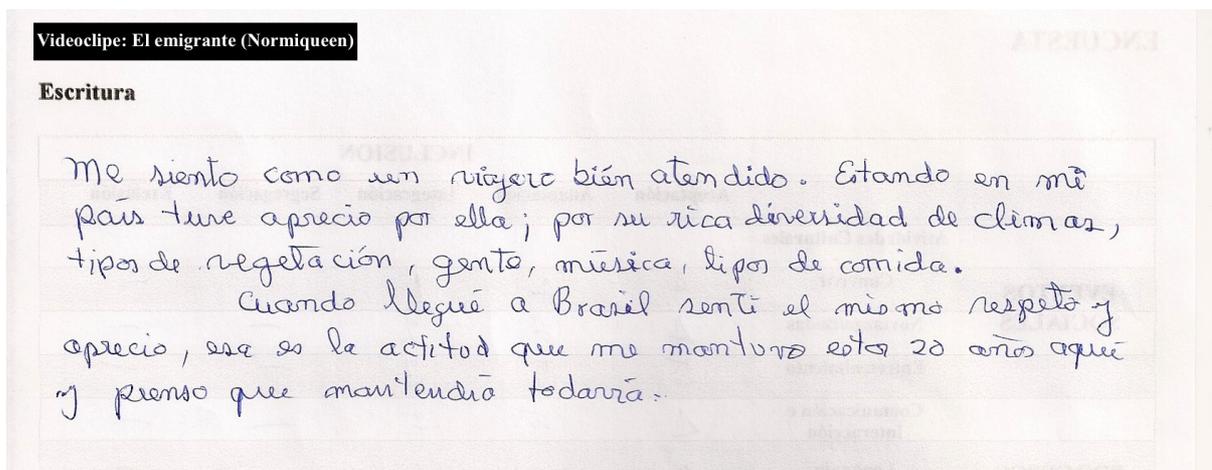
Fonte: elaborado pelo autor

5. AS ANÁLISES

Na metafunção interpessoal, o papel discursivo do interlocutor é centrado no ato de dar/trocar informações e, o faz, através do uso excessivo de declarações e interrogações cujo objetivo semântico é propor uma reflexão ao ouvinte/leitor sobre alguma temática de ordem social que o preocupa/aflige. Ao ler a letra da música noto que a cantora tem essa preocupação em cada um dos versos e na maneira como os estruturou.

Exemplifico o acima, nos versos: “[...] A persistência para poder triunfar, ser bem-sucedido, te transformaram em um imigrante”; “[...] Tomar essa decisão tão triste, deixar a terra onde você nasceu, cresceu e viveu”; “[...] E como faço para ganhar dinheiro?”; “[...] Muitos se prostituem (e) roubam para comer”; “[...] Que fazer?”; etc. Com esses poucos versos que uso para exemplificar as asserções do parágrafo anterior, ilustro como a cantora quer que reflitamos sobre a situação do imigrante, seus conflitos e seus dissabores.

Por um viés bastante inesperado por nós, e diferente dos outros bolivianos envolvidos na pesquisa, veja no excerto abaixo como um dos participantes, chamado Pedro, extraiu do videoclipe musical, sentimentos positivos acerca de sua relação como imigrante no Brasil.



Fonte: acervo do autor.

Aqui, Pedro envolvido em um processo de dupla identificação, enxerga no vídeo que há algo de bom e positivo ao imigrar. Quer que saibamos que esse processo envolve escolhas e que, em seu caso particular, ter vindo para o Brasil foi uma experiência que valeu à pena.

Outro conceito interessante que encontro na obra de Halliday e que vale ressaltar na canção se relaciona com conceito de antilinguagem. Este implica a investigação da reconstrução da vida na/pela língua(gem) realizada em condições de tensão social e na (re)construção de significados em contextos de conflito social o que, pressupõe, a existência de uma antissociedade (SÁ, 2014). Halliday (1982, p. 213), diz que “uma anti-sociedade é uma sociedade que se estabelece dentro de outra como alternativa consciente a esta, um modo de resistência, que pode adotar a forma de simbiose passiva ou hostilidade ativa”. Veja na imagem a seguir um exemplo de antissociedade dentro do conceito de antilinguagem a que o autor em epígrafe faz referência:

⁷ “sinto-me como um viajante bem assessorado. Estando no meus país, senti apreço por ele; pela rica diversidade de climas, tipos de vegetação, gente, música, tipos de comida. Quando cheguei ao Brasil senti o mesmo respeito e apreço; essa é a atitude que me manteve aqui por estes 20 anos e imagino ainda que me manterá.”

Figura 1 — Anti-sociedade

ilustrando
a
relação
existente
entre
anti-sociedade
e
sociedade



Dois homens tramando um assalto:

– Valeu, mermão? Tu traz o berro que nós vamo rendê o caixa bonitinho. Engrossou, enche o cara de chumbo. Pra arejá.
 – Podes crê. Servicinho manero. É só entrá e pegá.
 – Tá com o berro aí?
 – Tá na mão.
 Aparece um guarda.
 – Ih, sujou. Disfarça, disfarça...
 O guarda passa por eles.
 – Discordo terminantemente. O imperativo categórico de Hegel chega a Marx diluído pela fenomenologia de Feurbach.
 – Pelo amor de Deus! Isso é o mesmo que dizer que Kierkegaard não passa de um Kant com algumas sílabas a mais. Ou que os iluministas do século 18...
 O guarda se afasta.
 – O berro, tá recheado?
 – Tá.
 – Então vamlá!

O Estado de S. Paulo, 08 de março de 1998.

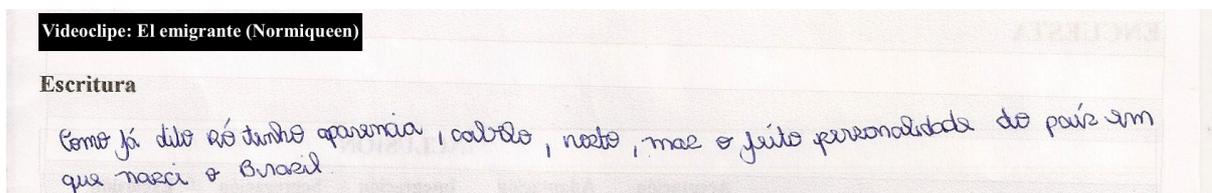


Fonte: Imagem elaborada pelo autor

A figura acima ilustra o conceito de antilinguagem, nos termos propostos por Halliday (*op.cit.*). Esse conceito se relaciona com a situação dos imigrantes (bolivianos), conforme ilustra a letra da música em análise. Esta, apresenta em vários momentos a existência dessa (anti)sociedade de resistência, simbiótica e, às vezes, hostil. Exemplos são vistos nos versos: “[...] Aprender uma nova língua, começar do zero”; “[...] Daqui (é que) podemos ver (e) dar valor”; “[...] Tudo o que você tem agora não te serve para nada”; etc.

No excerto de Mariana, vejo um processo interessante nesse movimento de anti-sociedade/antilinguagem, parte desse processo de (des)construção identitária.

Excerto 2 — comentário sobre o videoclipe: Mariana



Fonte: acervo do autor

Durante todas as atividades relacionadas ao vídeo, Mariana vive um movimento duplo de identificação com a cultura boliviana, dos pais e da irmã, fortemente arraigadas no seio familiar, comunitário e religioso em que transita. Ora Mariana identifica-se como sendo boliviana ora nega sê-lo e arroga para si a nacionalidade brasileira.

Após assistir o videoclipe, notei que Mariana passou por um momento de silêncio e, ao ser convidada a escrever suas impressões sobre o que viu, ela opta por reforçar que ela é brasileira; quer reforçar sua identidade como sendo brasileira e que a única coisa que guarda relação com a Bolívia é sua *aparência, cabelo, rosto*. Reforça que seu *jeito e personalidade são do país em que nasc(eu), o Brasil*. Vejo aqui um movimento inverso no conceito de anti-sociedade/antilinguagem conforme proposto neste texto. O videoclipe fez com que Mariana adotasse uma atitude hostil e de resistência ao sofrimento dos imigrantes narrado na música.

Reforço, que todo o acima abordado, está relacionado com a questão da (des)construção identitária dos imigrantes. Entro neste esteio a partir dos pressupostos do Sistema de Avaliatividade que introduzi nas análises com a citação:

Halliday (1994) discute que qualquer análise de discurso é sempre feita em dois níveis: o primeiro é a compreensão do texto: a análise linguística que permite que se mostre como e por que o texto significa o que significa; o outro nível é uma contribuição à avaliação do texto: a análise permite que se diga o motivo pelo qual o texto é ou não eficaz para os seus propósitos, e requer não somente uma compreensão do texto, mas também de seu[s] contexto[s] e do relacionamento sistemático entre o contexto e o texto (MORAIS, 2012, p. 72).

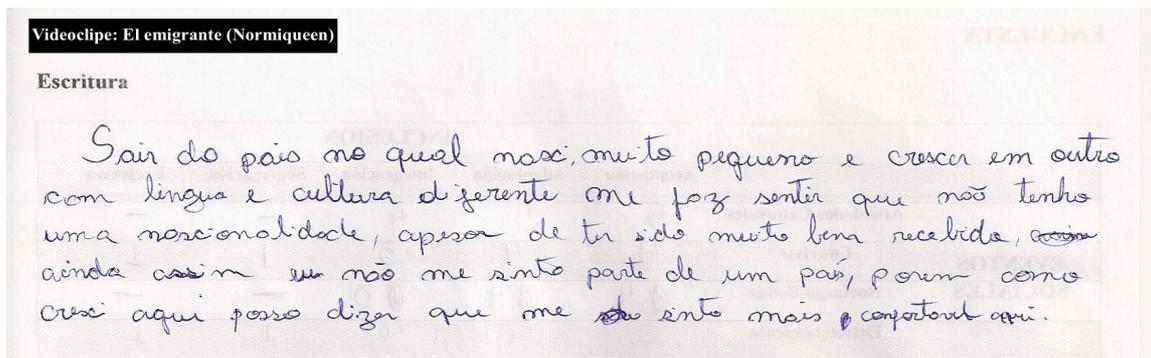
No nível de avaliação da linguagem objetivo analisar, como já foi dito, a atitude em termos dos objetivos da cantora em relação à identidade do imigrante que é (des)construída no processo de imigração. No subsistema de atitude do Sistema de Avaliatividade, o participante expressa seus sentimentos em tom discursivo específico, um tom que se relaciona com seu papel discursivo e as relações que estão envolvidas neste processo. Isso coaduna com Halliday, pois:

O tom [discursivo] se relaciona com a natureza, os papéis e o status dos participantes: o tipo de relações advindas, inclusive as de natureza prementes e temporárias, de um ou outro modo; [envolve] tanto os tipos de papéis discursivos em que estão engajados e todo o cenário social em que estão envolvidos (HALLIDAY, 1985b, p. 12)⁸.

Em termos de atitude, Martin (2000, p. 144) acrescenta⁹: “[Se refere a] como os interlocutores se sentem, os julgamentos que fazem, e o valor que atribuem aos vários fenômenos de sua experiência”.

Veja como no excerto a seguir, de outro participante, José, confirma-se a citação acima.

Excerto 3 — Comentário sobre o videoclipe: José



Fonte: acervo do autor

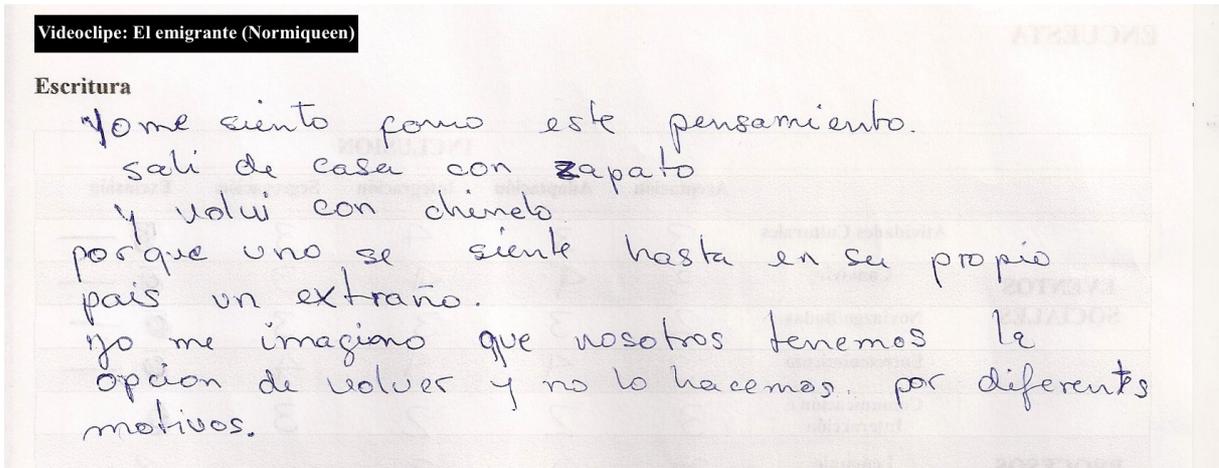
⁸ Tenor refers to who is taking part, to the nature of the participants, their statuses and roles: what kinds of role relationship obtain, including permanent and temporary relationships of one kind or another, both the types of speech roles they are taking on in the dialogue and the whole cluster of socially significant relationships in which they are involved.

⁹ How the interlocutors are feeling, the judgements they make, and the value they place in the various phenomena of their experience

Ao tratar da experiência de sair da terra natal, vivida na infância, José mostra no excerto acima como se sente: *me faz sentir que não tenho nacionalidade e não me sinto parte de um país*. Ou seja, para José, sua identidade foi (des)construída a tal ponto de ele achar que não pertence a nenhum país, não ter nacionalidade. Por outro lado, chama a nossa atenção como ele julga o fenômeno da mudança a partir de sua experiência pessoal: *ter sido muito bem recebido e me sinto mais confortável aqui*. Vejo esta ambiguidade de declarações como marcas, cicatrizes dessa (des)construção de sua identidade como boliviano.

Na perspectiva que estou abordando, os falantes exprimem sua(s) postura(s), suas atitudes mentais e seus valores, conforme graficamente ilustrado pelos excertos de Pedro, Mariana e José. Na letra da música em análise, a cantora expressa o acima e marca sua identidade como imigrante, também ora positiva ora negativamente. Veja isso nos versos: “[...] E aí vem o choque de cultura que te irrita; “[...] O que é holerite? (Venha que) te explico”; “[...] Essa preocupação bate forte no coração”; etc.

Dentro do subsistema de atitude, o interlocutor se posiciona a partir de diferentes prismas, a saber, em relação à sua própria atitude, a do outro e em relação ao (inter)texto. Veja alguns exemplos extraídos da letra da música em tela: *a) relativo à (própria) atitude*: “[...] como faço para ganhar dinheiro?”; “[...] aqui tenho tudo para minhas necessidades”; *b) relativo ao outro*: “[...] os pobres passam fome em Cuba” ; “[...] muitos se prostituem”; e, *c) relativo ao (inter)texto*: “[...] diz um dito popular: Deus não dá asa a cobra”; “[...] a borboleta nasce de uma lagarta”. Percebo, nos exemplos citados, que a cantora se posiciona e mostra sua atitude em relação ao que significa ser imigrante e estar longe de sua terra natal. Evoca memórias, sentimentos múltiplos e conflituosos causados pela situação em outro país. O excerto a seguir retrata muito bem o que assevero.



Fonte: acervo do autor

É forte a atitude e os sentimentos de Carolina em relação à imigração: *sinto [que] saí de casa com sapatos e voltei de chinelos*; ou seja, para ela, há sentimento de arrependimento, de perda e de frustração. Como se se sentisse culpada em seu *pensamento* de ter tomado a decisão errada ao deixar para trás o que tinha em seu país. Tal sentimento múltiplo e conflituoso é reforçado quando diz que [se] *sente uma forasteira até mesmo em meu próprio país*. Para Carolina, assim como na música, há o desejo constante e ardente de querer voltar às suas origens: *penso que temos a opção de voltar*. Entretanto, como sua identidade como boliviana está (des)construída, *não [voltamos] por diferentes razões*. Tudo isto se relaciona com a atitude em relação si mesma e ao outro, conforme preconiza a Avaliatividade.

A categoria do afeto é a que mais emerge em toda a música e está intimamente relacionada com as atitudes associadas às emoções, às reações e ligadas às subjetividades ou, nos termos desta análise, às identidades dos imigrantes. Vale ressaltar que esta categoria é realizada por meio de recursos gramaticais diversos. Veja, com grifos acrescentados, exemplos que encontro na letra da música: a) *circunstância*: “**Agora** você anda **sempre** bem arrumado e elegante”; b) *adjetivo*: “Em Cuba os pobres são **felizes**”; c) *processo*: “[...] te

¹⁰ “sinto-me com este pensamento: saí de casa com sapatos e voltei de chinelos. Porque me sinto uma forasteira até mesmo em meu próprio país. Penso que temos a opção de voltar, mas não o fazemos por diferentes razões.”

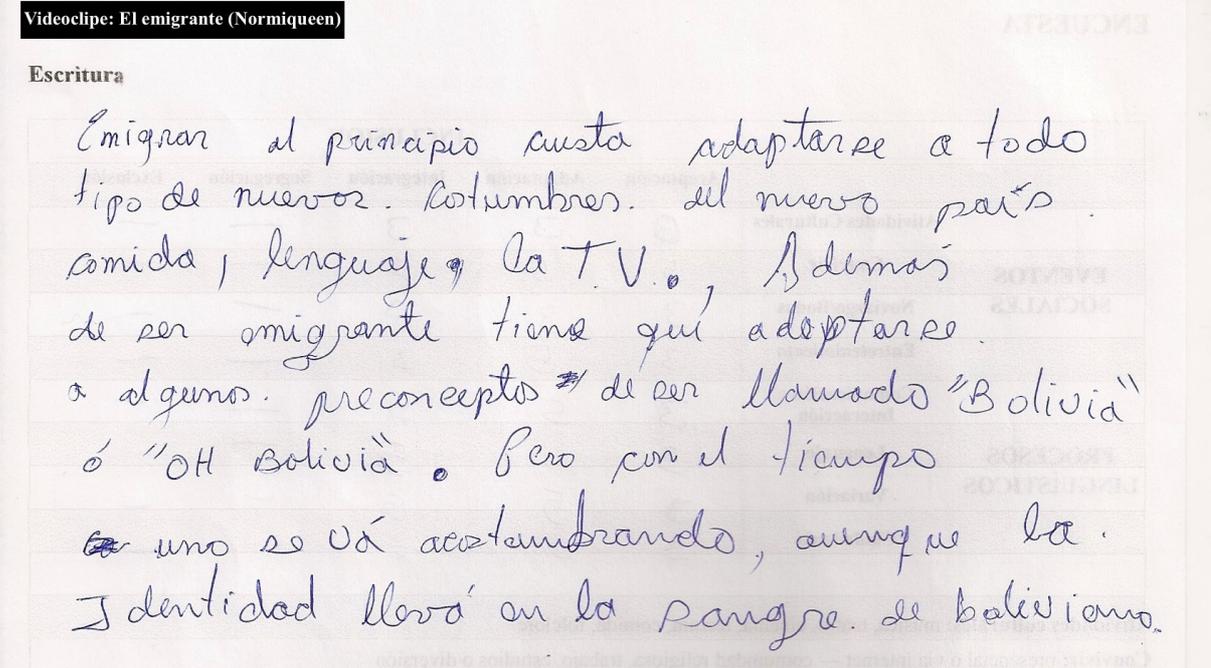
transformaram em um imigrante”; d) *comportamento*: “E **como faço** para ganhar dinheiro?”; e) *adjunto*: “a razão dessa chamada **tão doída**”; f) *polaridade*: “Tudo o que você tem agora **não** te serve para nada”; g) *gradação*: “Nós mandamos o **dinheirinho** mensalmente”; e, h) *estado emocional*: “a **solidão** nos invade”.

Apresento no excerto do último participante, Juan, como o afeto é demonstrado através de diferentes recursos gramaticais e como estes se relacionam com a questão de sua identidade, suas reações e emoções como imigrante boliviano residente em São Paulo.

Excerto 5 — Comentário sobre o videoclipe: Juan ¹¹

Videoclipe: El emigrante (Normiqueen)

Escritura



Emigrar al principio cuesta adaptarse a todo tipo de nuevos. Costumbres, el nuevo país, comida, lenguaje, la T.V. Además de ser emigrante tiene que adaptarse a algunos preconceptos de ser llamado "Bolivia" o "ô Bolivia". Pero con el tiempo ~~se~~ uno se va acostumbrando, aunque la identidad lleva en la sangre de boliviano.

Fonte: acervo do autor

Assim, como procuro demonstrar na letra da música, Juan usa em seu excerto vários recursos gramaticais para chamar a atenção para suas emoções e sua identidade como boliviano. Por exemplo, ele diz: a) *processo*: “**custa** adaptar-se”; b) *modalidade*: “**tantas** coisas novas”; c) *nominalização*: “adaptar-se a **preconceitos**”; d) *polaridade negativa*: “**ser chamado de** ‘Bolívia’ ou ‘ô Bolívia’”;

¹¹ “No início, imigrar é difícil para adaptar-se a tantas coisas novas no novo país: costumes, comida, idioma, televisão. Além disso, você precisa adaptar-se a preconceitos, como ser chamado de ‘Bolívia’ ou ‘ô Bolívia’. Mas, com o tempo, você vai se acostumando, embora sua identidade você leva no sangue de boliviano.”

e) *estado emocional de resistência*: “sua identidade você **leva no sangue** de boliviano”.

É interessante que Juan sugere as dificuldades enfrentadas como imigrante boliviano no Brasil, mas faz questão de reforçar sua identidade boliviana que *leva no sangue*. Vale ressaltar que Juan é o participante que faz mais questão de preservar seus traços identitários bolivianos marcando-os de forma bem acentuada em sua postura, fala, etc. Diferente dos outros participantes, Juan usa o material do vídeo para destacar que ele é boliviano, *no sangue* e isso é algo não mudará.

6. AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, entendo que, no caso dos imigrantes, ocorre fragmentação e instabilidade identitária, às vezes contraditórias, pois eles, ao imigrarem, apenas anseiam a aceitação da comunidade local como são. No entanto, são forçados, não num processo natural, como lemos na extensa obra de Stuart Hall, Michel Foucault, Anthony Giddens, Kathryn Woodward e tantos outros, a abrir mão de sua cultura, tradição, língua e, conseqüentemente, identidade para receberem acesso a (este) espaço social simbólico. Nesse processo, a letra da música eleita, para demonstrá-lo, indica que o imigrante passa por momentos de sentimentos bastante conflituosos. Embora reconheça os benefícios de tal mudança, sobretudo as de caráter financeiro, passa por um processo constante de avaliação para verificar se realmente vale à pena a troca que ele faz, a saber, a de desenraizar-se por melhores condições de vida.

O que quero dizer com processo natural é, em outras palavras, que aos imigrantes não lhes é dada a oportunidade de participar do jogo de identidades, líquido, movediço e imprevisível (BAUMAN, 2007), em que eles mesmos possam atuar como agentes dessa inevitável (des)construção. Concluimos, então, com as sábias palavras de um sociólogo Francês, quando ele diz que “talvez não exista pior privação, pior carência, que a dos perdedores na luta simbólica por

reconhecimento, por acesso a uma existência socialmente reconhecida, em suma, por humanidade” (BOURDIEU, 2000, p. 242).

Arrematando este artigo, gostaria de salientar que as histórias de vida os imigrantes bolivianos, que participaram nessa pesquisa, são, o que posso chamar de ‘imagens em movimento’. Sendo tais, nunca haverá uma análise, feita por nós ou outros, que capte uma verdade única do texto que tais histórias produzem. O que tentei fazer foi ser o mais explícitos e objetivos possível a despeito dos recursos que utilizamos na coleta dos dados. Como linguista, estudioso do discurso, busquei, nas entrelinhas, das falas dos bolivianos entender como ocorre o processo de invisibilidade, de exclusão e de (des)construção identitária dos imigrantes no contexto social em que estão inseridos.

Meu desejo sincero é que, o leitor, tenha aumentado sua compreensão dos processos de (in)visibilidade, exclusão e (des)construção identitária envolvendo os imigrantes bolivianos em São Paulo. Como cientista social e *pesquis-a-dor* de vidas e dores alheias (SÁ, 2017, p. 64), espero ter contribuído para sua satisfação e sede de conhecimento e entendimento do objeto de pesquisa que me propus a analisar.

AS REFERÊNCIAS

- BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático**. 11^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- _____. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- EGGINS, S. **An Introduction to Functional Linguistics**. 2. ed., New York, Londres: Continuum, 2004.
- FLICK, U. **An Introduction to Qualitative Research**. Londres: Sage, 1998.
- HALLIDAY, M.A.K. **El Lenguaje como Semiótica Social: La Interpretación Social del Lenguaje y del Significado**. Trad. Jorge Ferrero Santana. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- _____. Systemic Background. In: BENSON, J. D.; GREAVES, W. S. (Eds.). **Systemic Perspectives on Discourse**. Norwood, NJ: Ablex, 1985b, p. 1-15.

_____. **An Introduction to Functional Grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

_____.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. **An Introduction to Functional Grammar**. 4. ed., Oxford, Londres: Arnold, 2014.

_____. Part A. In: _____.; & HASAN, R. **Language, Context, and Text: Aspects of language in a social- semiotic perspective**. Oxford University Press. 1989.

MARTIN, J. R. **English Text: System and Structure**. Amsterdam: Benjamins, 1992.

_____.; WHITE, P.R.R. **The Language of Evaluation: Appraisal in English**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

_____.; ROSE, D. **Working with Discourse: Meaning Beyond the Clause**. Open Linguistics Series. London e New York: Continuum, 2003.

MARTINEZ, V. N. **Equidade em Saúde: O Caso da Tuberculose na Comunidade de Bolivianos no Município de São Paulo**. 91 f. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

MORAIS, F.B.C. A Representação das Mulheres na Política Brasileira: Um Estudo Sob a Perspectiva Sistêmico-Funcional. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 13, nº 2, Brasília: Thesaurus Editora, 2012, p. 61-83.

PRAXEDES FILHO, P. H. L.; MAGALHÃES, C. M. A Neutralidade em Audiodescrições de Pinturas: Resultados Preliminares de uma Descrição via Teoria da Avaliatividade. In: ARAÚJO, A. (Org.) **Os Novos Rumos da Pesquisa em Audiodescrição no Brasil**. 1 ed. Editora CRV. Curitiba, PR. 2013a, p. 73-87.

SÁ, R. L. Imigração Hispanoamericana em São Paulo, (Des)construção Identitária e Inclusão dos (In)visíveis: um Olhar da Linguística Sistêmico-Funcional. In: **III Workshop Systemic Across Languages (SAL)**. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

_____. **A Imigração Boliviana em Mares Paulistanos Dantes Navegados: Inclusão dos (In)visíveis e (Des)construção Identitária**. 186f. Dissertação (Mestrado em Linguística). PPGL/UnB, Brasília, 2015.
SÁ, R. L. Imigrantes Hispano-Americanos, (Inter)culturalidade Crítica e Língua Portuguesa. **Revista Estudos Acadêmicos de Letras**. Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura da Universidade do Estado de Mato Grosso. v. 10, nº 01, Julho, 2017.

THOMPSON, J.B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação de Massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VELASCO, C.; MANTOVANI, F. Em 10 Anos, Número de Imigrantes Aumenta 160% no Brasil. **G1**. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://glo.bo/28VigFO>. Acessado em 05/09/2017.